

Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961-1966)

A popular participation pedagogy: a practice education analysis of
Movimento de Educação de Base – Basis Education Movement (1961-1966)

Mário Lourenço de Medeiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da participação popular**: análise da prática educativa do MEB – Movimento de Educação de Base (1961-1966). Campinas: Autores Associados, 2006.

248

Após uma longa espera de vinte e dois anos professores, pesquisadores e o público interessado em conhecer ou aprofundar o conhecimento do Movimento de Educação de Base (MEB), da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), considerado um dos mais importantes movimentos brasileiro de educação popular da década de 1960, são brindados com a publicação e poderão, enfim, desfrutar da Tese de doutoramento de Osmar Fávero apresentada em 1984 ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Inobstante o envolvimento direto do autor com aquele movimento, posto ter sido um dos seus coordenadores – fato que ele faz questão de lembrar aos leitores –, soube Osmar Fávero manter o distanciamento crítico indispensável à pesquisa acadêmica auferindo vantagens do que poderia a princípio constituir-se em dificuldade.

Prefaciada por Celso Beisiegel, além da apresentação, na qual o autor pontua hipóteses de trabalho, fontes, ao lado de sua opção metodológica, a obra estrutura-se em mais oito capítulos, nos quais pretende basicamente revelar como: a) o modelo pedagógico do MEB foi fruto de sua evolução histórica enquanto movimento de educação popular e como, nesta evolução, a concreção de sua prática educativa assumiu primazia sobre o



discurso constituindo-se, a um só tempo, fator de fundamentação, reelaboração e redefinição do discurso, e de sua explicitação ideológica; b) as tensões e as contradições entre bispos e leigos, Igreja e Estado que, tanto na origem, quanto durante sua história atravessaram as práticas educativas do MEB direcionadas à conscientização e à politização, foram decisivas para convertê-lo numa original pedagogia da participação popular.

No primeiro capítulo dedicado às “raízes”, de modo cuidadoso, o autor destaca a criação do MEB, o pertencimento deste movimento à Igreja Católica e seus declarados objetivos iniciais. Discute previamente o entendimento de “educação de base” e o faz destacando as várias experiências educativas com classes populares no Brasil, marcadamente após o Estado Novo, destacando o desenvolvimentismo e o populismo como principais matrizes do “clima ideológico” à época vivenciada. As experiências de alfabetização pelo rádio desenvolvida pelo Serviço de Assistência Rural (SAR), da Arquidiocese de Natal, e pelo Sistema Rádio-Educativo de Sergipe (SIRESE), ambas na região Nordeste, são apontadas por Fávero como os antecedentes próximos para a constituição do MEB. Quais as motivações que teriam, de um lado, levado a Igreja Católica, por meio da CNBB, a estabelecer estreita cooperação com o Estado brasileiro para o desenvolvimento de um programa de educação popular e, do outro, esse mesmo Estado a aceitar o proposto pela Igreja? São questionamentos levantados aos quais busca responder.

Tendo incorporado, desde sua fundação em 1961, como objetivo fundamental das escolas radiofônicas a tradicional educação de base, nos termos propostos pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) na década de 1940, o MEB ao implementar uma prática educativa popular vivenciaria uma redefinição de seus objetivos iniciais, de sua metodologia e do próprio movimento. Compreender e explicitar aquele redirecionamento atentando para uma dada visão de mundo, um determinado conceito de homem e uma concepção de história a ele subjacente constituem-se objetivos do segundo capítulo.

Lembra Osmar Fávero que no início dos anos de 1960 as escolas radiofônicas tinham se tornado comum no Brasil, especialmente pela experiência desenvolvida a partir do Sistema Rádio-Educativo Nacional (SIRENA) cujas escolas foram, nas áreas abrangidas pelo MEB, por este incorporadas, especialmente na região Nordeste, referência maior de atuação do movimento. O subdesenvolvimento dessa região era incompatível com o desenvolvimentismo

desejado pelo governo e sustentado ideologicamente por setores da intelectualidade brasileira. De acordo com Fávero, o desenvolvimento econômico em curso, na sociedade brasileira, fora percebido por setores progressistas da Igreja como prejudicial aos pobres, especialmente os do meio rural, pois privilegiava postulados tecnocráticos em detrimento aos valores da pessoa. Pretendia então a Igreja, fosse o homem o motivo e o sujeito do desenvolvimento, razão pela qual desejava ver substituído aquele modelo.

Ainda nesse capítulo, o autor destaca o que poderíamos chamar de uma certa simbiose entre as aspirações da CNBB, expressas principalmente pelos bispos do Nordeste e as mudanças por que passava a Igreja Católica no âmbito geral, requeridas e atestadas também na publicação das encíclicas *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963) de João XXIII e na convocação do Concílio Vaticano II que valorizavam sobremaneira o diálogo com o mundo moderno e a atuação organizada dos cristãos conforme vivenciado pela Ação Católica. Nesse momento histórico, o autor mostra que, em âmbito nacional, crescia o contato dos militantes da Juventude Universitária Católica (JUC) com a abordagem marxista do mundo e que as reflexões do padre jesuíta Henrique Vaz sobre “consciência histórica cristã” e “realidade histórica” teriam sido decisivas para a construção, por parte do MEB – e mesmo de outros movimentos contemporâneos de educação e cultura popular a exemplo do “Sistema” Paulo Freire –, do conceito de conscientização a partir do seu 1º Encontro Nacional de Coordenadores em 1962. Desde então o MEB encaminha-se decisivamente para o povo disposto a centrar a sua ação educacional na conscientização entendida como um processo destinado a formar no homem a consciência histórica, a partir de uma consciência crítica da realidade.

O MEB, no entanto, conforme o autor, rejeitava o diretivismo no processo de conscientização ao defender que a ação educativa deveria possibilitar ao grupo, pelo diálogo, a descoberta de um corpo de valores provocando, em consequência, o seu engajamento, objetivando mudar a realidade em que estava inserido. A educação de base, antes delimitada pela noção de conteúdos indispensáveis ao homem, evolui na compreensão do MEB para um processo de autoconscientização da população, para uma valorização plena do homem e uma consciência crítica da realidade. Por fim, o autor esclarece o entendimento e a abordagem da cultura popular desenvolvidas pelo MEB em sua prática educativa. Nela a cultura era ressaltada como processo histórico



pelo qual o homem ao vivenciar uma relação ativa (mediada pelo conhecimento), com o mundo e com os outros homens, seria capaz de transformar a realidade objetiva e a si própria, estabelecendo um mundo qualitativamente renovado. Em seu projeto histórico de transformação, de acordo com Fávero, o MEB irá aliar essa compreensão de cultura popular à conscientização.

No capítulo 3, talvez um dos mais ricos do ponto de vista analítico, o autor esmera-se em apontar o que chama de “contradições” do Movimento de Educação de Base. A primeira delas seria a própria origem do MEB: enquanto um movimento educativo, ele é, ao mesmo tempo, instrumento de ação política para os leigos e de ação pastoral para os bispos. Os leigos enxergavam no MEB uma forma nova de atuação da Igreja visando à mudança da sociedade pelo engajamento político; já para os bispos, aquele movimento era, sobretudo, fator de evangelização, de promoção humana e, inclusive, de catequese. Conforme esclarece o autor, fosse para adequar-se às novas demandas sociais movida por um sincero interesse pastoral, ou mesmo para sobreviver como instituição, o deslocamento da Igreja em direção às classes populares assumindo uma postura progressista, ao lado de atitudes reformistas era contraditório. Em síntese, tanto o MEB, quanto a cúpula hierárquica da Igreja Católica propunham a *conscientização* como cerne da prática educativa. No entanto, para o primeiro, o processo de conscientização deveria encaminhar-se numa perspectiva revolucionária e de ruptura visando à transformação social a partir das “massas”, já para a Igreja, deveria ancorar-se em sua doutrina social, e assim defendia uma postura reformista, tradicional e integradora das diferentes classes, residindo aí o cerne da contradição.

Nos capítulos seguintes o autor, amparado no conhecimento que obteve como militante do MEB e em farta documentação referenciada nos anexos – mais um mérito do trabalho –, descreve com riqueza de detalhes o sistema radiofônico com seus componentes e as etapas que compunham a educação de base, destacando os passos que precediam a radicação de uma escola radiofônica e todos os elementos que a compunham. – Capítulo 4. O autor tem o cuidado de ao apontar a idealidade proposta nas ações do movimento, não esconder as limitações e dificuldades inerentes ao sistema radioeducativo.

O material didático utilizado pelo MEB desde cartilhas tradicionais de outros sistemas até a produção do conjunto didáticos *Viver é lutar* (1963), material pejorativamente designado por setores atrasados da política brasileira à época como “cartilha comunista dos bispos”, é apresentado no Capítulo

5. Nele o autor dá a conhecer na íntegra os textos e as ilustrações das lições que compunham aquele conjunto didático, destacando como nele os temas eram abordados de maneira progressiva e questionadora. São referenciados ainda outros materiais didáticos de abrangência geral, a exemplo da cartilha *Mutirão*, ao lado de outros textos produzidos por sistemas locais.

As caravanas, os encontros e treinamentos de líderes são apresentados no Capítulo 6 como componentes do percurso vivenciado pelo MEB que, conforme Fávero, partiu das escolas radiofônicas e evoluiu para a chamada animação popular a qual é por ele identificada como a dimensão político-ideológica da ação do MEB. Aqui o autor faz uma detida exposição analítica de como o MEB compreendia essa temática e com ela lidou. Por seu turno, treinamentos de equipes locais, reuniões e encontros que se constituíram atividades fundamentais destinadas à “formação de quadros” para o trabalho do MEB são apresentados e discutidos pelo autor no Capítulo 7.

No capítulo final que dá título ao trabalho, o autor pontua o sistema radiofônico como o principal instrumento de ação educativa do MEB. Destaca Osmar Fávero como esse movimento, por sua dimensão religiosa – pertencimento à Igreja –, por sua compreensão de homem e visão de mundo, tendo como cerne principal a própria prática educativa voltada aos pobres entendida como *conscientização*, no sentido da formação de consciência, e como *politização*, em termos de organização e animação de grupos de base, com a intenção de possibilitar a organização da classe – converteu-se em sua experiência original e as que lhe sucederam, em uma original *pedagogia da participação popular*.

Prof. Mário Lourenço de Medeiros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Centro de Ensino Superior do Seridó (Currais Novos)

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN

Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

E-mail | mlourenco_adv@yahoo.com.br

Recebido 6 dez. 2006

Aceito 8 dez. 2006